



A IDEOLOGIA DE GÊNERO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E O REFLEXO NA SOCIEDADE

Tamyres Dysa da Luz Ayres (1); Rayssa Kelly Lourenço Alves (2)

Universidade Estadual da Paraíba, tamyresdysa@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba, rayssa.tecinfo@gmail.com

RESUMO

A ideologia de gênero na prática pedagógica e o reflexo na sociedade trata-se de um estudo e registro de pesquisa e debate em relação a aplicação da ideologia de gênero nas instituições brasileiras de ensino e sobre os resultados de tal prática diante da sociedade. Por ser de uma temática que vem captando uma polarização de opiniões, esse artigo também irá expor os argumentos das opiniões contrárias a essa ideologia, e sendo assim, apresentar ideias esclarecedoras dos benefícios da adesão dessa prática. Foi realizada uma pesquisa tendo como base o livro “A Representação do eu na vida cotidiana” do sociólogo Erving Goffman, as ideias da filósofa Judith Butler e o conteúdo do livro “gênero e diversidade nas escolas”, além de uma entrevista com uma pedagoga que defende a ideologia de gênero. Como núcleo para uma realidade prática desse trabalho, o foco foi direcionado as questões sofridas pelos trans e para isso um acompanhamento foi feito com um transgênero a respeito do eu interno e forma natural de aceitação, além dos impactos sofridos com a ausência de uma compreensão pedagógica em sua vida acadêmica. A implantação desta ideologia na grade educacional evitaria muitos transtornos que já existem na atualidade e que passam despercebidos aos padrões da sociedade.

Palavras chave: transexualidade, educação, cultura.



INTRODUÇÃO

O sentido dado ao gênero numa dimensão analítica, só é possível com a adoção de novos paradigmas teóricos. Essa observação faz-se importante porque o mero uso do termo gênero, sem uma mudança de perspectiva teórica, faz que se estudem as coisas relativas às mulheres, sem o questionamento do que as relações entre homens e mulheres estão construídas como estão, como funcionam e como se transformam (CONCEIÇÃO, 2009).

Para Scott (1995) o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças que distinguem os sexos. Ela define o gênero de uma maneira diferente, como uma forma primária de relações significantes de poder. Scott é uma feminista, mas sua teoria foi questionada por muitas pensadoras da mesma linhagem ideológica.

No livro Educação em gênero e diversidade, os autores criticam a “deficiência” em relação ao que deveria ser avançado na nossa sociedade de modo abrangente nas questões do gênero. “Durante todo o século XX e início do século XXI as lutas pela igualdade de gênero, étnico-racial e também pelo respeito à diversidade têm sido constantes. Todavia, o domínio de atitudes e convenções sociais discriminatórias, em todas as sociedades, ainda é uma realidade tão persistente quanto naturalizada” (ANDREIA BARRETO, 2009).

Modificar as práticas do campo educacional é algo delicado, porém necessário. A princípio, nem todos os educadores conseguem diferenciar a definição de um transgênero para a de um homossexual ou travesti, por exemplo. Consequentemente nem todos saberiam como agir em uma prática educativa que priorizasse o bem estar de todos. A ausência de conhecimento nas temáticas de gênero é muito comum, e é através da ignorância que muitos preconceitos são encarados como algo “normal”. “Se o indivíduo for desconhecido, os observadores podem obter, a partir de sua conduta e aparência, indicações que lhes permitam utilizar a experiência anterior que tenham tido com indivíduos aproximadamente parecidos com este que está diante deles, ou o que é mais importante. Aplicar-lhes estereótipos não comprovados.” (GOFFMAN, 2002).

Para tal mudança, é importante que através do conhecimento, entenda-se melhor sobre os transgêneros e a importância desse tema perante estudos acadêmicos, vivência e sociedade. Considerando a importância da ideologia de gênero para novas construções na sociedade, o presente trabalho teve como objetivo



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

realizar um estudo de pesquisa a respeito da identidade de gênero, e como as práticas educativas podem ser enxergadas por um viés positivo aderindo à ideologia de gênero no Brasil.

METODOLOGIA

Foi realizada uma entrevista com Jéssyca Ferreira pedagoga recém formada pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) da cidade de Alagoa Grande mas que já exerce a profissão atualmente e Yan Salles, transgênero de vinte anos de idade da cidade de Sapé-PB.

A matéria foi realizada pessoalmente com ambos os entrevistados, na qual foram montadas perguntas específicas para ambos entrevistados.

Foi aprofundado mais análises de pesquisas para associar as informações absorvidas sobre identidade de gênero. Segundo Goffman (2002) que analisa de forma geral o quanto é complexo o olhar tênue entre o ser e a sociedade, como também as ideias da filósofa Butler (1990) que contorna do estopim de todo o contexto para a atualidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É perceptível o quanto ainda é necessário entrar em campo para combater preconceitos através do conhecimento e a ideologia de gênero passa a ser então o nosso objeto de estudo e melhoramento de construção entre os seres humanos, tomando como primazia o campo educacional.

Partindo dessa reflexão, é notório que a nossa sociedade naturaliza um preconceito através de argumentos que protegem uma opinião particular. Quando se traz a pauta da ideologia de gênero para a educação, diversos posicionamentos de rejeição surgem de forma avançada.

A pedagoga Jéssyca Ferreira conta que já ouviu justificativas de que a ideologia de gênero pode influenciar crianças a tornarem-se gays ou até mesmo que não há necessidade de mudar a educação, pois essa prática é uma “invenção desnecessária”. Jéssyca Ferreira formou-se na Universidade Estadual da Paraíba e desde que começou a trabalhar como pedagoga percebeu que as dificuldades em aplicar uma



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

metodologia inclusiva e sem rotulagem não foram apresentadas por seus alunos e sim por seus companheiros de trabalho, contudo ela afirma que possuímos uma educação machista e preconceituosa. A pedagoga diz que em pequenas atividades que realiza com seus alunos, no jardim II, sem fazer distinção de gênero, acaba gerando diferença entre colegas de profissão da mesma escola. “Na hora do recreio eu deixo que meus alunos brinquem juntos e com todos os brinquedos disponíveis que eles desejam brincar, mas as outras professoras muitas vezes me chamam a atenção para que eu separe as meninas dos meninos e também separe os brinquedos de acordo com o que elas classificam ser de cada gênero e eu acredito que as diferenças começam a serem montadas a partir de pequenas atitudes como essa, principalmente a diferença entre os gêneros.” Pontua a pedagoga.

Uma matéria realizada pela BBC no ano de 2015 revela que “O número de crianças com menos de dez anos que foram encaminhadas para o serviço britânico de saúde devido a problemas de identidade de gênero quadruplicou nos últimos seis anos.”. A jornalista Victoria Derbyshire acompanhou duas crianças trans e mostrou todas as dificuldades que ambas enfrentaram dentro da instituição escolar. Situações inclusive de uma dessas crianças com apenas seis anos de idade evitar o consumo de água na escola para não ter que ir ao banheiro e passar constrangimentos por ser trans. Essa realidade não está distante da sociedade brasileira, muito pelo contrário. Todos os transgêneros comumente enfrentam a incompreensão nas escolas, instituição que deveriam construir o respeito e priorizar o conhecimento, e não discriminar ou ser conivente com situações preconceituosas.

Metodologias simples como as da pedagoga Jéssyca Ferreira fazem a diferença na formação e no olhar que a criança passará a construir para as próprias atitudes e para a convivência com outrem. Ela conseguiu comprovar que o preconceito é algo construído e que a metodologia faz a diferença. “Não costumo utilizar a cor rosa para meninas e a cor azul para meninos. Na páscoa fiz as embalagens dos coelhos de todas as cores, deixei que eles ficassem livres para escolher qualquer um e observei que às vezes tanto as meninas pegavam coelhos verdes e azuis, como os meninos pegavam os coelhos rosa e até mesmo lilás. Fiquei feliz por não ter visto nenhum julgamento entre eles.”

A grande diferença que percebemos entre homens e mulheres é construída socialmente, desde o nascimento, quando meninos e meninas são ensinados a agir de acordo como são identificadas, a ter um papel de gênero “adequado” (JESUS, 2012).



Figura1: A pedagoga Jéssyca Ferreira em sala de aula.

Emiliany Sales nasceu com o sexo feminino, porém conta que nunca sentiu-se a vontade em ter que viver dentro das características desse gênero. Emiliany identificava-se desde cedo com o gênero masculino e é assim que vive até hoje, além das mudanças que já fez externamente em seu corpo. Hoje tornou-se oficialmente o garoto Yan Salles, e quando chegou aos vinte anos de idade já havia desistido dos estudos pela ausência de compreensão de alguns profissionais da educação que passaram por sua vida. Yan passou por situações de constrangimento dentro da escola pelo visual que possui, por ter amigas, e até mesmo por utilizar o banheiro da instituição. Todos esses pontos vivenciados por Yan poderiam ter sido evitados caso houvesse uma didática mais inclusiva e humanizada. “Uma vez fui à escola com uma camisa que tinha escrito ‘sou gay, não sou doença. sou gay, sou humano’, e a diretora me barrou e disse que eu não podia entrar, falou que iria ser uma visão elevada para os alunos, que ali tinha crianças e se eu quisesse fazer isso, fizesse fora da escola . Aí eu fiquei com vergonha e fui pra casa....Sempre acontecia esse tipo de situação comigo.” Relata Yan a respeito de um dos motivos que o levaram a largar os estudos.

Atualmente, se não tivesse se rendido a desistência, Yan poderia ser um universitário como seus antigos colegas de sala e conseqüentemente um profissional com ética para servir a nossa sociedade, mas infelizmente ainda possuímos um bloqueio muito resistente quando se fala em debater as questões de gênero dentro das escolas.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O



Figura 2: Entrevistado Yan Salles.

Na obra de Goffman (2002), nós seres humanos, passamos a ser avaliados como atores durante toda nossa vivência e comportamento dentro da sociedade, onde em diversas situações mostramos faces que estejam de acordo com o momento vivenciado por nós mesmos, logo, a vida passa a ser uma constante peça teatral e nós somos os atores.

Segundo Jesus (2012) a ciência biológica, o que determina o sexo de uma pessoa é o tamanho das suas células reprodutivas (pequenas: espermatozoides, logo, macho; grandes: óvulos, logo, fêmea), e só. Biologicamente, isso não define o comportamento masculino ou feminino das pessoas: o que faz isso é a cultura, a qual define alguém como masculino ou feminino, e isso muda de acordo com a cultura de que falamos. Mulheres de países nórdicos têm características que, para nossa cultura, são tidas como masculinas. Ser masculino no Brasil é diferente do que é ser masculino no Japão ou mesmo na Argentina. Há culturas para as quais não é o órgão genital que define o sexo. Ser masculino ou feminino, homem ou mulher, é uma questão de gênero. Logo, o conceito básico para entendermos homens e mulheres é o de gênero.

A filósofa Butler (1990) afirma que a nossa sociedade está em uma “ordem compulsória” que exige uma coerência entre sexo, gênero e desejo. Ou seja, já que Emiliany nasceu com uma vagina, consequentemente ela deve ser uma menina e sentir atração por meninos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Há uma necessidade de desconstrução dessa obrigatoriedade, conseqüentemente amenizaria a problemática do preconceito enfrentada pelos transgêneros, homossexuais, bissexuais, travestis e até mesmo as mulheres que desde cedo começam a vivenciar essas regras e tentam a cada dia desfazer os padrões em busca de uma igualdade e do respeito (BUTLER, 1990).

CONCLUSÃO

A ideologia de gênero na educação exige ato simples, porém sensível dos profissionais da área para que engrandeça a convivência entre o ser e a sociedade. A educação é o elemento primordial na convivência coletiva e através dela a evolução é benéfica.

A transfobia, a homofobia e o machismo são problemáticas muito fortes no Brasil e é muito importante que ocorram políticas públicas no combate dessas questões, sendo uma delas, novas práticas educativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREIA B. (Brasil) (Org.). **Gênero e Diversidade na Escola**. Rio de Janeiro: Cepesc, 2009. 266 p.

BUTLER, J. Contingent Foundations: Feminism and the Question of “Postmodernism”. **Philosophy Consortium**, Greater Philadelphia, n. 11, p.11-42, set. 1990.

CONCEIÇÃO, A. C. L. Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 8, n. 24, p.738-757, dez. 2009.

GOFFMAN, E. **A Representação do eu na vida cotidiana**. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. 118 p.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**: Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. Brasília: Il, 2012. 24 p.

NA ESCOLA e na família, a difícil batalha de crianças transgênero por aceitação. 2015.

Disponível em:

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150407_crianças_transgenero_uk_fn>.

Acesso em: 10 ago. 2016

SCOTT, J. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. Educação e Realidade.

V.20 , n. 2, p.71-99, 1995.